

Uma montanha-russa de expectativas



RUI LEÃO MARTINHO
Bastonário da Ordem
dos Economistas

O ano de 2021 arrancou com um primeiro trimestre que ficou marcado por um confinamento generalizado do qual resultou uma certa melhoria pandémica, mas que prejudicou as perspectivas económicas, tendo Portugal apresentado a maior quebra do PIB em cadeia na União Europeia (UE), com uma contração de 3,3% e de 5,4%, em termos homólogos.

Após parecer controlada a situação pandémica, os agentes económicos retomaram o optimismo, com a vacinação a avançar proficuamente, o consumo privado e o turismo a começarem a recuperar e em geral as expectativas mais elevadas, antecipando uma recuperação económica. O próprio Banco de Portugal apre-

sentou, em Junho, uma revisão em alta da estimativa do crescimento para este ano (4,8%).

O momento actual é marcado por uma reincidência do aumento de casos diários, embora com a diferença de contarmos agora com uma taxa de vacinação em crescimento e um número de óbitos mais reduzido. Os dados e os recentes retrocessos, ao nível do processo de desconfinamento, bem como toda a apreensão relativa ao verão, poderão no entanto colocar em causa a tão necessária recuperação.

Assim e atendendo a este enquadramento, haverá ainda um certo optimismo na recuperação económica, face ao que foi o ano anterior, mas também uma indeterminação sobre a dimensão dessa recuperação ainda tão incerta.

A economia encontra-se numa montanha-russa de expectativas, que sobem e descem a um ritmo vertiginoso, caracterizado por uma incerteza relevante e por diversas fragilidades que poderão pôr em causa a recuperação. No topo da lista de sectores mais afectados pela situação que estamos a viver estão o turismo, a restauração e a cultura. Todos esperavam que este verão funcionasse como um balão de oxigénio.

Contudo, a confirmar-se um novo retrocesso, estes sectores e tantos outros correm sérios riscos de enfrentar um aumento significativo

de insolvências e um aumento do desemprego.

Entre a proximidade do fim das moratórias, a crescente tendência inflacionista e muitas outras incertezas, resta a esperança de que a efectividade das vacinas se mantenha imune às diferentes estirpes e que o vírus se possa, finalmente, tornar endémico.

Portugal o que de melhor pode fazer é aproveitar a urgente necessidade de reformas e de recuperação para relançar a sua competitividade, de forma a convergir com a média da União Europeia e, aplicando os fundos europeus de forma exemplar, transparente e adequada, impor prudência macroeconómica, reduzir a dívida e apostar no desenvolvimento dos eixos da digitalização, da reindustrialização e da economia sustentável. ■

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia.